

O Papel da literatura na formação leitora, estética e humana na infância: limites e possibilidade na poesia de Drummond

Sandra Regina da Silva¹

“Desconheço liberdade maior e mais duradoura do que esta do leitor ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre suas palavras e os seus silêncios. Texto e leitor ultrapassam a solidão individual para se enlaçarem pelas interações”.

Bartolomeu Campos de Queiroz

A formação leitora direcionada ao público infantil em espaço de educação formal, apresenta-se como fundamental, pois pode ser o único contato dos estudantes com o livro. desta forma, o desenvolvimento desse projeto vinculado ao Poslit – UnB, busca por meio da pesquisa qualitativa do tipo participante, compreender como acontece, em dias atuais, o trabalho literário, especialmente com a poesia, nas instituições da rede municipal de ensino na cidade de Goiânia GO. Verificar, sobretudo, as possibilidades imbuídas nas práticas literárias, para formação leitora e estética na infância.

A priori a intenciona-se realizar uma intervenção nas salas de aula, com leitura de poesias para crianças e professoras da primeira etapa do Ensino Fundamental. Pretende-se apresentar poemas de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) como corpus de análise, tomando como ponto de partida, o livro Boitempo-Menino Antigo. Dentre os resultados a alcançar inclui-se a compreensão de como a poesia, com as suas especificidades de linguagem, pode potencializar o universo lúdico da criança e favorecer o refinamento da sensibilidade e da percepção crítica e estética. E assim, estabelecer vivências pessoais, dialogar com a literatura, a arte, mudar o olhar e refletir sobre a vida real.

Como a pesquisa está em andamento, ainda no processo de diálogos com a equipe diretiva e pedagógica das escolas, por ora não é possível afirmar que o público pretendido, já domine o processo de leitura e escrita, uma vez que são crianças em uma faixa etária em que se almeja esse domínio. No entanto, reconhece-se o período

¹ Estudante de Doutorado em Literatura – UnB. Mestra em Educação – UFG. Especialista em Educação Infantil – UFG. Especialista em Literatura Infanto-Juvenil – UCAM. Professora coordenadora na Rede Municipal de Ensino de Goiânia

complicado durante a pandemia de covid 19, vivido pelas pessoas, nos anos de 2020 a 2022, em que as os estudantes estiveram isolamento social, e ausentes das escolas.

A formação de leitores é um dos desafios da educação brasileira, pois observa-se a níveis preocupantes, o número de pessoas que chegam à vida adulta sem desenvolver habilidades leitoras necessárias para viver sua cidadania em plenitude. Entende-se aqui como leitor, aquele que consegue estabelecer relação da leitura com as ações cotidianas, que “sabe fazer uso do ler e do escrever, sabe responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente” (SOARES, 2002, p.20).

As práticas educativas voltadas para a formação leitoras, ao proporcionar uma visão convencional da leitura, baseada no aprendizado do *código*, indica que a criança deve aprender a decifrar, repetir memorizando, e que o professor é um transmissor de conhecimentos e a classe é a agrupação única de alunos, desconsidera as possibilidades criativas, carregadas de sentidos que o espaço de sala de aula pode proporcionar. Paulo Freire (1921-1997), em seu livro *A Importância do Ato de Ler*, ressalta que o fato dos estudantes “necessitarem da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem.” (FREIRE, 1989, p.17).

Com base na reflexão acima, enfatiza-se que na ideia de leitura baseada no *sentido*, a criança é um leitor desde o princípio, o professor é um “facilitador” e um guia; o tratamento é individualizado e a criança deve explorar, formular hipóteses, imaginar e verificar o sentido do texto. Dito isto, cabe à escola uma postura séria, planejando ações pedagógicas significativas, com objetivos claros e coerentes, garantindo ao estudante o direito de aprender. Uma prática carregada de empatia que implica em escutar as vozes das crianças e construir a partir daí, ações democráticas, dialógicas, com respeito a bagagem cultural e estética oriunda das experiências vividas em seu meio social e sobretudo modificá-las. No que se refere à função social da leitura (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 10) pontuam que:

o acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre o leitor e os outros homens. A socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura, quando ele se defronta com produções significantes provenientes de outros indivíduos, por meio do código comum da linguagem escrita. No diálogo que então se estabelece o sujeito obriga-se a descobrir sentidos e tomar posições, o que o abre para o outro.

Refletindo a partir desse ponto de vista, a leitura possibilita maior organização social, pois dialogando com variados indivíduos (autores), abre-se para o outro podendo ocorrer a mudança a si e ao meio. Por conseguinte, a memorização mecânica utilizada em práticas de leituras de texto, pode dificultar o desenvolvimento das competências leitoras, ou resultar em adultos leitores passivos incapazes de criticar, questionar, elaborar suas próprias ideias.

Segundo Paulo Freire, “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.” (FREIRE, 1989, p. 20). Como ainda é comum ações pedagógicas inibidoras de reflexão e criticidade nos ambientes escolares, o que se deve questionar, no entanto, é a quem agrada a manutenção de um povo na “ignorância”, resultando no “impedimento da democratização do saber?” (SILVA, 1998, p.17). Pedro Demo, outro importante pesquisador, complementa:

Não sabendo ler, o trabalhador não terá acesso a obras que poderiam questionar a ordem estabelecida. A escola não parece levar em conta a existência das outras leituras espalhadas pela vida, em casa, no trabalho, na rua, nos espaços de divertimento, no ciberespaço. De certa forma, a escola ainda é um mosteiro, onde se ensina a ler para acatar. Por isso, sua tendência linear, esquecendo-se da complexidade da leitura questionadora. (DEMO, 2006, p.27)

Sabe-se que a carência de políticas públicas voltadas para a ampliação de práticas competentes na formação leitora, impossibilita a participação ativa do sujeito em sociedade, levando às pessoas a uma inércia social, incapazes de questionar e contrapor o que está posto como correto, justo e legal em espaços fora da escola. Pois ao decodificar a escrita, as pessoas em processo de aquisição de leitura convencional e os conhecimentos advindos deste ato, estabelece relação socio-cultural e compreende criticamente o lugar que ocupa na sociedade e se percebe como sujeito de direitos. Sendo esta, a função social da leitura, nem sempre garantida pelas instituições educacionais.

Pensar a formação leitora na infância é sobretudo compreender que a criança não lê para aprender, mas para dar sentido às coisas. A qualidade estética das obras literárias pode contribuir para a formação de leitores ao proporcionar um envolvimento subjetivo, inerente ao ser humano com o texto artístico. Ressalta-se aqui o fato de boa parte das obras denominadas literatura infantil são, na realidade, apenas produtos comerciais objetivando o consumo da cultura de massa.

Ao compreender a criança como um leitor em desenvolvimento, com potencialidades criativas e intelectuais plenas e com possibilidades de aprendizagens que podem se efetivar nas unidades educacionais, entende-se que o livro literário fará parte desse processo de aprendizagem. Contudo, como afirma Zilberman, (2003, p.46), “a atuação da literatura infantil dá-se dentro de uma faixa de conhecimento, não porque transmite informações e ensinamentos morais, mas porque pode outorgar ao leitor a possibilidade de desdobramento de suas capacidades intelectuais”. Compreende-se, portanto, a necessária preocupação das professoras e professores desta etapa da Educação Básica em desvincular as ações pedagógicas com a leitura literária, objetivando alfabetizar ou inserir, junto às crianças, conteúdos curriculares buscando sua escolarização, pois como nos apresenta Cosson (2010, p 59), “o espaço da literatura em sala de aula é, portanto, um lugar de desvelamento da obra que confirma ou refaz conclusões, aprimora percepções e enriquece o repertório discursivo do aluno.”

Sem considerar o ensino de qualidade focado no protagonismo da criança, no desenvolvimento da criatividade e em seu efetivo envolvimento com a leitura literária, a possibilidade de preparar leitores tende a reduzir. A presença do texto literário em ambiente educacional deve atribuir como significado principal, o diálogo com a obra de arte.

Ao se tratar da formação do leitor literário, compreende-se que a meta não deve ser apenas a formação do hábito leitor, mas oferecer recursos que permitam ampliação de conhecimento, favorecer o refinamento da sensibilidade da criatividade e de tomadas de decisão. E no que se refere ao ensino da literatura, cabe ainda refletir a importância do mesmo para a formação humana e social da pessoa, neste espaço de interação e relações importante, que é a escola. Diante do exposto, faz-se necessária uma escolha consciente do acervo literário a serem disponibilizados às crianças, haja vista que se corre o risco de subestimar sua capacidade intelectual, isso ocorre por compreender a criança, como ser não pensante, como esclarecido por Monica Baptista:

A escolha dos textos literários revela, em grande medida, o que as professoras pensam sobre as crianças, a infância, a aprendizagem e o processo educativo. Considerar as crianças como interlocutores capazes, inteligentes, perspicazes resulta em prestar atenção no que elas dizem, pensam, vivenciam e naquilo pelo que elas se interessam. São esses os elementos que irão auxiliar as professoras na escolha dos textos e também na forma como eles serão trabalhados. (BAPTISTA, 2010, p.7)

Assim, ao escolher os livros literários a serem socializados com as crianças, requer entendê-las como pessoas capazes de compreensão, respeitando suas vivências e

seu contexto social. É importante, ademais, perceber a leitura como facilitadora de uma construção crítica, que possibilite ao leitor ver o mundo com um olhar atento para o respeito e o compromisso com o outro e com a sociedade. Acreditar que a leitura de uma obra literária dispensa saberes e práticas específicas como se fosse resultado de geração espontânea equivale a ignorar que, como toda leitura, a leitura literária tem códigos e protocolos que precisam ser observados. (COSSON, 2017, p.301).

A escolha dos textos de Drummond se deu por entender que suas obras são contextualizadas com o que se passa no mundo e no Brasil. O amor, a infância, a memória e a família sempre fizeram parte de seus versos. Em *Boitempo-Menino Antigo*, ele relembra seus tempos de menino, tenta resgatar a infância perdida, fala do cotidiano, dos medos, de animais, de frutas, da escola. Pretende-se com estes temas, despertar interesse de meninos e meninas em ambientes educacionais, pela leitura da escrita do referido autor, buscando preservar a sensibilidade estética e curiosidades lúdicas próprias das crianças/estudantes.

As possibilidades e limites na poesia de Drummond a ser apresentada aos estudantes, traz curiosidades de pesquisa, pois vêm à memória os inumeráveis poemas tidos como infantis com um conteúdo simplório, rimas fáceis ou até com cunho moralista que ainda circulam no meio educacional e que nada proporciona às crianças, além de manuais de moralismo e civismo à moda antiga. Nestes se negam a estética e o direito de deleitar-se, humanizar-se, emocionar-se e de imaginar e recriar situações diversas. O crítico literário Antônio Cândido nos alerta quanto à qualidade da obra literária e ao seu poder, a partir da estética, de humanizar o leitor:

A eficácia humana é função da eficácia estética, e, portanto, o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes. Isso não quer dizer que só serve a obra perfeita. A obra de menor qualidade também atua, e em geral um movimento literário é constituído por textos de qualidade alta e textos de qualidade modesta, formando no conjunto uma massa de significados que influi em nosso conhecimento e nos nossos sentimentos. (CÂNDIDO, 1995, p 182)

O encantamento pela magia literária próprio das crianças, é algo que se não for cultivado, fenecerá. Motivar e desenvolver o poder do encanto e da sensibilidade é tarefa dos adultos, criando por exemplo, formas significativas e expressivas de comunicação por meio da leitura de poesias. Percebe-se que a disposição infantil pela brincadeira com as palavras, vai perdendo com o passar dos anos, sendo substituída

pelas exigências das coisas práticas e lógicas. A alegria de estar encantado precisa ser desenvolvida cotidianamente, precisa ser ensinado. Tzvetan Todorov adverte que:

O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá as costas a esse horizonte (“nesta semana estudamos metonímia, semana que vem passaremos à personificação”), arrisca-se a nos conduzir a um impasse, sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura. (TODOROV 2009, p. 34).

Numa sociedade tomada pelo sentido de urgência, de eficácia, e pouco disposta a enriquecer a sensibilidade, e com um vocabulário também muito pobre, o que é a poesia

senão o primeiro dos saberes considerados inúteis? Marisa Lajolo e Regina informam que: “É, assim, bastante lenta a independência da poesia infantil em relação à função pedagógica. Só paulatinamente ela abandona a perspectiva tradicional que tematiza bichos, paisagens, vultos familiares e patrióticos de um ponto de vista exemplar e educativo.” (ZILBERMAN, 2006 p.148). Por que não se educa a sensibilidade? Porque praticamente em toda parte está em busca apenas do que se considera “conhecimento útil”. Daí ser mais comum uma preocupação com ensinar a ler rápido que ler poesia. A produtividade, a efetividade, a competitividade são palavras de ordem.

No enfim deste trabalho e nas intensas reflexões sobre o tema, cabe-nos, sob medida, as reflexões de Carlos Drummond de Andrade (1974), sobre a educação do ser poético que aqui tomamos de empréstimo para o fecho destas considerações:

Será a poesia um estado de infância relacionada com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de pureza da mente, em suma?
Acho que é um pouco de tudo isso, se ela encontra expressão cândida na meninice, pode expandir-se pelo tempo afora, conciliada com a experiência, o senso crítico, a consciência estética dos que compõem ou absorvem poesia. Mas, se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo, à proporção que o estudo sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e reparado supostamente para a vida?
Receio que sim.

Em suma, o ato de ler implica em uma interação com o outro (escritor), em experimentar o raciocínio alheio, em ter contato com suas ideias, com seus sentimentos, levando-nos a caminhos desconhecidos, proporcionando oportunidades, assim como atribuição de novos sentidos, construídos de forma simples ou complexa, dependendo

da leitura que cada um escolhe realizar, assim como das experiências que trouxeram de suas vivências pessoais, em seu contexto social.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boitempo: Menino Antigo 1ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2017.

ANDRADE, C.D. **A educação do ser poético**. Revista de Arte e Educação, n. 16, 1974. Disponível em < www.oziris.pro.br/home/ver_texto.php?id=26 > (acesso em 06 de setembro de 2023).

BAPTISTA, M. C. A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância. **Anais do I Seminário Currículo em Movimento Perspectivas atuais**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação-UFMG, 2010.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura: a Formação do Leitor: Alternativas Metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1976.

CANDIDO Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Direitos humanos e literatura*. In.: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. Direitos humanos e... São Paulo: Brasiliense, 1989.

CORSARO, W. A. Sociologia da Infância. São Paulo: Artmed, 2011.

CORSARO, W. A. AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

COLOMER, Teresa. A Formação do Leitor Literário. São Paulo: Global, 2003.

CHARTIER, R. *Sobre a leitura*. In. *Revista Nova Escola*. São Paulo: Ática, 2002.

DEMO, Pedro. Leitores para sempre. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 4.ed. São Paulo: Cortês, 1998.

HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. São Paulo: CosacNaify, 2010.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura, tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LAILOLO, Marisa. *Usos e Abusos da Literatura na Escola: Bilac e a Literatura Escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

PAIVA, Aparecida. *Literatura: ensino fundamental* / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 204 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20).

SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (Orgs.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17 - 140. SARMENTO, M. J.; PINTO, M. *As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo*. _____. *As crianças, contextos e identidades*. Braga: Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, E. T. *Elementos da pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TODOROV, Tzvetan, *A literatura em perigo*. tradução de Caio Meira - 2ª Edição. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TODOROV, Tzvetan, *Teorías del símbolo*. Monte Ávila Editores. 1981.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11.ed. São Paulo: Global, 2003. Zilberman, R. (2006). *Memória entre oralidade e escrita*. *Letras De Hoje*, 41(3). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/621>